PROC. Nº 2573/13
PLL Nº 291/13

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

O homem é a mais elevada das criaturas;
A mulher é o mais sublime dos ideais.
O homem é o cérebro;
A mulher é o coração.
O cérebro fabrica a luz;
O coração, o AMOR.
A luz fecunda, o amor ressuscita.
O homem é forte pela razão;
A mulher é invencível pelas lágrimas.
A razão convence, as lágrimas comovem.
O homem é capaz de todos os heroísmos;
A mulher, de todos os martírios.
O heroísmo enobrece, o martírio sublima.
O homem é um código;
A mulher é um evangelho.
O código corrige; o evangelho aperfeiçoa.
O homem é um templo; a mulher é o sacrário.
Ante o templo nos descobrimos;
Ante o sacrário nos ajoelhamos.
O homem pensa; a mulher sonha.
Pensar é ter, no crânio, uma larva;
Sonhar é ter, na fronte, uma auréola.
O homem é um oceano; a mulher é um lago.
O oceano tem a pérola que adorna;
O lago, a poesia que deslumbra.
O homem é a águia que voa;
A mulher é o rouxinol que canta.
Voar é dominar o espaço;
Cantar é conquistar a alma.
Enfim, o homem está colocado onde termina a terra;
A mulher, onde começa o céu.

Victor Hugo

Conta a lenda que, no tempo da criação, num momento em que Deus criava um ser diferenciado, com um zelo e uma atenção que chamava a atenção dos anjos, um deles, mais ousado, se acercou do Senhor e perguntou por que dava tanta importância àquela criatura. Em que, afinal de contas, ela era tão especial?

O Criador lhe explicou que aquele ser era a mulher, e que ela viria a ter o papel de mãe, pelo que merecia sublime cuidado, pois Ele mesmo iria precisar de Mãe, um dia, para poder descer à condição humana e levar à humanidade a Sua mensagem de amor e de felicidade.

Victor Hugo, o famoso novelista, poeta e dramaturgo francês, autor de Os Miseráveis (1862) e Notre-Dame de Paris (1831), entre diversas outras obras, ao enaltecer a mulher, comparando-a ao homem, em seu poema "O homem e a mulher", encerra afirmando que a mulher está "onde começa o céu".

As líricas figuras construídas por Victor Hugo, colocando a mulher num patamar de excelsitude limítrofe à divindade, não lhe fez, entretanto, toda a justiça que em verdade lhe cabe.

Ainda que a qualificasse como "o mais sublime dos ideais", deixou de lhe considerar o papel de mãe, cuja visão, esta sim, acima de todas as outras considerações que sobre a mulher se possa fazer.

A mulher que se faz mãe torna-se completa e realizada. Ser mãe é cumprir um destino gerador que tangencia a criação divina. Juracy Pontes Carpes foi, em toda sua plenitude, mulher e mãe.

Nascida em 8 de março de 1916, em Porto Alegre, muitos anos depois, em 1975, por coincidência ou predestinação, mesmo não o tendo por causa, o dia de seu nascimento veio a ser oficializado pela ONU – Organização das Nações Unidas – como Dia Internacional da Mulher.

Era filha de Antonio Nunes Pontes, oficial da Brigada Militar, e Antonia Cordeiro Pontes, dona de casa.

Menina alegre, esperta e agitada, viveu sua infância e adolescência em Santa Maria, Rio Grande do Sul, onde estudava e, com gosto pela música, aprendia a tocar piano.

Coração aberto aos afetos, cedo começou a namorar e, já aos 16 anos, contraiu matrimônio com Júlio Carvalho Carpes, então sargento da Brigada Militar, cerimônia celebrada na Igreja Nossa Senhora das Dores, na Capital.

Teve seis filhos. O primeiro, Volmi, faleceu com quatro meses, causando o primeiro grande baque na vida de Juracy, nascida para ser mãe. O sofrimento da perda marcou-a para toda a vida. Mas não lhe tirou a alegria da maternidade.

Juracy teve mais cinco filhos: Wilson, Walton, Wilton, Walson e Stella Maris.

À sua criação saudável e educação, conservadora como a recebera, Juracy dedicou cada um de seus dias, enquanto os teve sob sua proteção e amparo.

Depois, tendo a vida lhe dado a alegria de vê-los crescerem e construírem suas próprias famílias, gerando-lhe onze netos e quatorze bisnetos, passou a dar-lhes outras formas de atenção e de amor materno.

Os filhos, falando de Juracy, a par da picardia e do gosto pelas piadas apimentadas, lembram da pureza nos gestos, do carinho pela entrega descompromissada, da abnegação na maternidade, da capacidade agregadora, da onipresença. Era o ponto de referência maiúsculo no caminho das suas vidas.

Juracy, mulher e mãe, revelava um ego de enorme docilidade sem dar margem a qualquer frouxidão de vontade, a maturidade sem ranço conservador, a disponibilidade sem nenhum vestígio de acomodação.

Aspectos conhecidos de todos os parentes e amigos, sua persistência e sua coragem na luta pelos propósitos que elegeu eram aspectos salientes da sua personalidade, aplicando-se com inarredável afinco na conquista da felicidade e da harmonia familiar. Em muitas ocasiões sublimando-se, superando-se, visando ao objetivo maior: o bem-estar em família.

Amava viver em Porto Alegre, admirava e promovia a Capital junto aos que aqui chegavam. Uma autêntica relações-públicas dos nossos hábitos. Enquanto sua saúde permitiu, fazia questão de sair às ruas, “para ver o movimento”. De sua sacada, não perdia o pôr-do-sol no Guaíba, que considerava um milagre divino. À noite, era comum vê-la orando, os dedos passando pelas contas do terço, pedindo certamente pela família, mas igualmente pelos desvalidos.

Quando podia, gostava de realizar trabalhos voluntários, tendo, por muitos anos, integrado o grupo de voluntárias de Dª Judith Menegghetti, então primeira dama do Estado. E, mesmo sendo católica, prestou serviços comunitários na sede do Lar do Amigo Germano, na rua Santana, e nas Aldeias SOS, instituições de orientação espírita, pois seu interesse era apenas o de ajudar a realizar e fazer o bem.

Como educadora, Juracy foi sólido amparo nos momentos difíceis das múltiplas experiências existenciais de seus filhos. Era a conselheira, fazendo rever e ampliar conceitos. A catedrática doméstica reinventando a aritmética do contar de 1 a 10 antes de uma decisão mais delicada.

Sua liderança familiar se fazia de modo simples, mas eficaz. As mãos hábeis, que davam de comer, enquanto faziam um afago, eram as mesmas que punham o dedo em riste para corrigir e admoestar. Os mesmos lábios para um terno beijo e uma palavra de incentivo, também serviam para a crítica e a imposição, quando necessária.

PROC. Nº 2573/13
PLL Nº 291/13

Juracy era um coração enorme para acomodar, assim nas adversidades como nas alegrias. Era de espírito desapegado e sábio para observar e dizer: “eu te compreendo, vai em frente.” E um quê de fina picardia, colorindo e ornando a vida em família.

Mas foi também uma mulher com lágrimas. Capaz de sofrer, por si ou por seus filhos, sem jamais se abater, mesmo no mais amargo infortúnio. Enfrentou as doenças de filhos e familiares, a morte dos pais, de irmãos e de um filho com uma bravura repleta de esperança e de confiança na vontade de Deus.

Juracy Pontes Carpes faleceu em 24 de julho de 2013, aos 97 anos, mantendo sempre a alegria e o orgulho pela família que construiu.

Morreu serena, extinguindo-se como uma vela que, aos poucos, se apaga. Pouco antes de morrer, brincou com uma de suas jovens cuidadoras, contando-lhe piadas e rindo de alegria.

Seu exemplo de mãe, educadora e líder familiar deve ser perpetuado na história de Porto Alegre, dando seu nome a um dos logradouros de sua cidade natal.

Sala das Sessões, 29 de agosto de 2013.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL

PROC. Nº 2573/13
PLL Nº 291/13

PROJETO DE LEI

Denomina Rua Juracy Pontes Carpes os logradouros públicos cadastrados conhecidos como Rua 7009 – Loteamento Residencial Moradas do Sul – e Rua 7030 – Loteamento Residencial Moradas do Sul –, localizados no Bairro Hípica.

Art. 1º Ficam denominados Rua Juracy Pontes Carpes os logradouros públicos cadastrados conhecidos como Rua 7009 – Loteamento Residencial Moradas do Sul – e Rua 7030 – Loteamento Residencial Moradas do Sul –, localizados no Bairro Hípica, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 maio de 1994, e alterações posteriores.

Parágrafo único. As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Mãe, educadora e líder familiar.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

/JPCP